

Malú Santana.

A teoria do processo civilizador - Norbert Elias

Com contribuições dos grupos e do professor

O processo civilizador não foi um processo planejado, por alguém ou alguns, visando a civilização a longo prazo. Foi antes, como mencionado por Norbert Elias, uma mudança não planejada e não intencional. Porém, constitui uma sequência de mudanças ordenadas e estruturantes com uma certa direção, que pode ser inteligível sociologicamente.

Mesmo não acontecendo de forma deliberada, o processo civilizador emana de múltiplas ações individuais que foram conformando as atitudes sociais dos seres humanos, lentamente, o que conduz à modelos de condutas que podem ser analisados e compreendidos por meio de uma visão integral da dinâmica do entrelaçamento social. A propósito, Elias interroga: “mas que mudanças específicas na maneira como as pessoas se prendem umas às outras lhes modelam a personalidade de uma maneira “civilizadora”?”

O aumento da diferenciação e da especialização das funções sociais das pessoas nas sociedades ocidentais ao longo do tempo se associam à complexidade da cadeia de integração humana. Esta rede de relações tornou-se cada vez mais complexa, exigindo então, um aparato mais forte para controlar os indivíduos e manter em funcionamento estas cadeias longas interligadas. Assim, o autocontrole é uma função formativa primordial para manutenção da “civilização” do tecido social.

Convém insistir aqui que Norbert Elias trata no livro O Processo Civilizador de mudanças nos costumes associados à formação da sociedade de corte, que desempenham papel determinante para o nascimento do mundo moderno. Nestas transições, a variação do comportamento humano ao longo do tempo se explica em grande medida por um crescente controle das emoções por imposição externa ou autocontrole. Desta forma, as transformações da personalidade se associam àquelas da estrutura social. Na sociedade medieval, não havia um poder centralizado suficiente forte para impor um controle social. Com a centralização de poder da sociedade de corte (cuja conduta polida é muito diferente daquela rude, desinibida e agressiva do mundo medieval), há o desenvolvimento do monopólio do uso da violência

legítima pelo Estado. Desta forma, atitudes violentas passam a ser cada vez mais condenadas, de tal modo que gradualmente uma conduta mais previsível, moderada e pacífica é interiorizada nos indivíduos (que desenvolvem grande autocontrole de suas atitudes).

Deste ponto de vista psicológico, a disciplina dos seres humanos aumenta enormemente à medida que o processo civilizador avança, graças a um controle crescente dos impulsos. Na Idade Média, os impulsos e paixões eram vividos de forma mais intensa e espontânea, as pessoas viviam numa época de extremos, sem maiores controles, o uso da força física e atitudes imprevisíveis eram recorrentes.

Atualmente, os indivíduos desenvolveram um controle interiorizado das emoções, por meio do medo e da repressão. O monopólio do uso da violência legítima teve papel determinante para constituir este molde social dos indivíduos.

Convém também insistir que o processo civilizador é posto em movimento pela dinâmica autônoma de uma rede de relacionamentos que configura a estrutura social na qual seres humanos são obrigados a conviver. A progressiva divisão de funções e o crescimento da cadeia de interdependência reforçam mudanças no sentido de mais disciplina, moderação, previsibilidade por parte dos indivíduos. Os padrões de conduta dos seres humanos são adquiridos durante a vida em processos de socialização, representando as formas aceitas de comportamento que são transmitidos de gerações para gerações por meio notadamente da família e da escola.

Sem mais poder manifestar espontaneamente as emoções, travamos guerras internas em razão de autolimitações conscientes e inconscientes, criando um padrão de conduta de seres semi-automáticos que, em alguns casos, provoca perturbações. Segundo Freud (citado por Costa e Endo, 2014), “a civilização foi alcançada através da renúncia à satisfação instintual, exigindo ela, por sua vez, a mesma renúncia de cada recém-chegado. No decorrer da vida de um indivíduo há uma substituição constante da compulsão externa pela interna. As influências da civilização provocam por uma mescla de elementos eróticos, uma sempre crescente transformação das tendências egoístas em tendências altruístas e sociais [...]Assim, o ser humano está sujeito não só à pressão de seu ambiente cultural imediato, mas também à influência da história cultural de seus ancestrais”.

Tais padrões são passados de geração em geração e fazem parte da modelação da personalidade do ser humano desde a sua infância e adolescência, fases de formação em processos de socialização quando recebe conhecimentos do universo do qual faz parte. Assim, há a impressão nos indivíduos das cicatrizes da civilização, sejam positivas ou negativas.

Segundo a Antroposofia (UTESCHER, 2013), “o papel do adulto, pais e professores, tem uma grande influência neste período, pois é através dele, da autoridade que ela necessita e que eles possuem, que a criança receberá a imagem do mundo. Portanto, os valores e ideais que o adulto possui pode beneficiar ou prejudicar a formação e visão do mundo infantil. Se a autoridade é excessiva pode gerar uma maior inspiração do que expiração, desequilibrando o ritmo, e isso pode levar desde a uma timidez no futuro, à introversão, ou quadros somáticos de asma, etc. Se, por outro lado, há falta de autoridade, se ela é insuficiente para o estabelecimento de normas tão essenciais neste período, a expiração maior pode conduzir à extroversão exagerada, que leva a criança a desconhecer seu limite e o do outro, até quadros mais histéricos, de dissolução da identidade”.

Em suma, Norbert Elias frisa em seu texto que estes processos de interiorização de regras de conduta e de aprendizagem do mundo social são essenciais para as sociedades ocidentais mais complexas, com maior número de funções específicas e grande interação entre os indivíduos. Assim, o autor assinala que o sentido do conceito de civilização, que, à primeira vista, apresenta-se como “autoexplicável”, é resultado de um processo contínuo e incessante de transformações de longa duração. Com efeito, Elias conclui que, embora não sejamos civilizados por natureza, é possível considerar que possuímos por natureza uma disposição que torna possível, sob determinadas condições, uma civilização. Estas condições estão ligadas, sobretudo, ao aprendizado em sociedade. É este aprendizado, calcado na compreensão, adoção e partilha de formas de conduta, que torna possível que convivamos no espaço social onde estamos inseridos. Nenhum ser humano chega civilizado ao mundo. O processo civilizador individual que, obrigatoriamente, todo ser humano conhece é parte do processo civilizador social.

Referências

COSTA, Andre Oliveira e ENDO, Paulo Cesar (2014), “Corpo, transmissão e processo civilizador: Sigmund Freud e Norbert Elias”. *Trivium*, ano IV, Edição II, Rio de Janeiro.

UTESCHER, Eliane (2013), “Resumo do Desenvolvimento do Ser Humano através dos 9 setênios”, Biblioteca virtual da antroposofia. Disponível em <
<http://www.antroposofy.com.br/wordpress/resumo-do-desenvolvimento-do-ser-humano-atraves-dos-9-setenios/>>.